

CARCINICULTURA EM ICAPUÍ (CE): CASE DE SUCESSO

| **MARCELO BORBA, DE NATAL (RN)**

Há exatamente um ano, este colunista, a convite do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA, Brasília/DF), por meio da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO, sigla em inglês), compõe a equipe designada pela elaboração, execução e acompanhamento de um projeto no mínimo ousado, sob aval da Fundação Banco do Brasil (FBB, Brasília/DF). Tratava-se da primeira carcinicultura comunitária com licenciamento ambiental do Brasil.

Dentre várias comunidades e associações prospectadas, foi escolhida a Associação dos Criadores de Camarão de Icapuí (ACCI), composta por 16 associados e suas famílias, formada há mais de uma década, tendo desenvolvido a atividade e que por ocasião de sucessivos reveses técnicos, de gestão ou mesmo políticos foram obrigados a arrendar a propriedade de 25 hectares, outrora doada aos mesmos por Francisco Ferreira Souto, o Soltinho, grande e respeitado empresário da indústria salineira da região.

A primeira condição *sine qua non* para a consecução do projeto foi a obtenção da licença de operação junto a Superintendência Estadual do Meio Ambiente do Estado do Ceará (Semace). Sem esta, o projeto não existiria. Assim, com muito esmero, articulação e empenho interinstitucional, esta quase utópica barreira foi transposta.

É importante mencionar que o supra referido “quase utópica barreira” diz respeito a dificuldade de obtenção de licenças ambien-

tais para a carcinicultura, onde empresários cearenses deste setor estão, na imensa maioria dos casos, privados de financiamentos bancários para expansão e modernização de seus negócios por não conseguirem as renovações de suas licenças ambientais, o que em última instância, restringe de forma crítica a criação de novos empregos e divisas nas comunidades litorâneas do País.

Em seguida, de posse da Licença de Operação, o projeto foi oficialmente apresentado à Fundação Banco do Brasil, que o analisou e deferiu no final de 2010.

Em janeiro de 2011, foi apresentado pela FBB à equipe do MPA responsável pelo projeto, o *modus operandi* de trabalho bem como a execução do mesmo. Em fevereiro, a primeira viagem, junto com os associados da ACCI, para as ações constantes no cronograma de execução do projeto, dando-lhe desta forma início oficial. Os associados, egressos da pesca extrativa, da extração de coco, da agricultura e pesca de subsistência, entre outros, embora deveras exaltados e ansiosos pelo início das operações, souberam satisfatoriamente conter seu ímpeto, e a equipe técnica formada por membros do MPA e da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa, Mossoró/RN) conseguiram cumprir a maioria das metas e etapas propostas.

O projeto, financiado pela Fundação Banco do Brasil - não obstante de algumas limitações orçamentárias - contemplou recursos suficientes para realizar o custeio do primeiro ciclo de produção dos cinco viveiros da fa-

zenda (alimentação animal, pós-larvas, fertilizantes, calcário, etc.), que perfazem um total de 23,81 hectares de espelho d'água.

Igualmente, foram destinadas verbas para aquisição de aeradores, aparelhamento básico em termos de aferição dos parâmetros físico-químicos etc., além de reforma na estrutura de captação e serviço de terraplanagem em um dos viveiros. As visitas técnicas de membros do MPA e da Ufersa, responsáveis pela execução e acompanhamento do projeto, também foram custeados com recursos oriundos da Fundação Banco do Brasil.

O amadurecimento dos membros da ACCI em termos de gestão associativa, aliado ao seu empenho e dedicação, principalmente com relação à sua disponibilidade e força de trabalho, foram fundamentais para a plena e efetiva execução das tarefas determinadas pela equipe responsável pela gestão técnica e acompanhamento semanal dos cultivos.

E, muito embora inúmeros percalços tenham se apresentado ao longo da execução deste primeiro ciclo produtivo, os resultados prévios do mesmo foram suficientes para se notar uma recuperação da autoestima dos associados e seus familiares, resgatando sentimento de cidadania, inimaginável até bem pouco tempo.

Se sob o viés social o projeto tenha alcançado resultados bastante satisfatórios, em termos financeiros a viabilidade do mesmo mostra-se indiscutível. As tabelas abaixo apresentam os resultados zootécnicos e financeiros deste primeiro ciclo produtivo:

Tabela 1 - Resultados zootécnicos do primeiro ciclo produtivo da ACCI

Dados dos Cultivos Realizados	Viveiro V1	Viveiro V2	Viveiro V3	Viveiro V4	Viveiro V5	Média ou Total
Área (hectares)	3	6	4,9	5,11	4,8	23,81
Pop. Inicial	500.000	1.000.000	500.000	850.000	500.000	3.350.000
Densidade (cam/m²)	16,67	16,67	10,20	16,63	10,42	14,07
Sobrevivência (%)	84,60%	57,77%	109,16%	83,24%	103,96%	87,75%
Peso Médio Final (g)	10,00	11,20	9,30	9,00	11,30	10,16
Tempo Cultivo (dias)	101	98	112	81	123	103
Nº Ciclo/Ano	3,61	3,72	3,26	4,51	2,97	3,61
Produção (Kg)	4.230	6.470	5.076	6.368	5.848	27.992
Ração Ofertada (Kg)	4.120	7.566	6.258	4.058	7.562	29.564
Fator de Conversão Alimentar (FCA)	0,97	1,17	1,23	0,64	1,29	1,06
Preço de Venda (R\$)	R\$ 8,00	R\$ 8,62	R\$ 7,12	R\$ 7,00	R\$ 8,43	R\$ 7,83
Receita Ciclo (R\$)	R\$ 33.840,00	R\$ 55.771,40	R\$ 36.141,12	R\$ 44.576,00	R\$ 49.298,64	R\$ 219.627,16
Receita Anual (R\$)	R\$ 122.293,07	R\$ 207.720,01	R\$ 117.781,33	R\$ 200.867,16	R\$ 146.292,71	R\$ 794.954,28